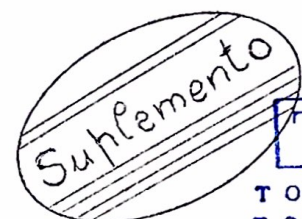


improp

TORRE
TOMBO

3 ENGENHARIAS

ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA

AS RAZÕES DE UMA LUTA - CARTA ABERTA AO CONSELHO ESCOLAR

1. Existe entre nós o mau hábito de não extrair de cada problema concreto as implicações mais gerais que nele se reflectem; o que sucede, é que muitos destes problemas concretos, particulares, aparentemente de interesse apenas para um curso, não são devidamente aproveitados como casos exemplares para melhor se compreender uma coisa que interessa a todos nós: o funcionamento deste Ensino, o funcionamento da nossa faculdade.

O que se passa neste instante conhecemos, estudantes do 2º ano de engenharia, diz-nos respeito sem dúvida mais a nós do que a qualquer outros, mas a partir do instante em que entram em cena o C.E. - estrutura de direcção da faculdade -, o problema dos exames e do seu sentido, a questão da autonomia estudantil para resolver os nossos próprios problemas, então torna-se errado não explicar a nossa luta a todos os colegas, a todos os professores; e quanto mais clara for a nossa luta para nós próprios e para todos, mais chances temos de a fazer avançar e de não a deixar morrer, pois estamos a ajudar a generalizá-la.

É contra a ideia de que no nosso problema não se incluem questões que interessam a todos os colegas, e para uma melhor sistematização das nossas próprias questões que surge este texto.

2.0 que sucedeu

Este ano, na faculdade, os alunos de engenharia inscreveram-se ainda segundo a antiga reforma. Uma das cadeiras que pertencia ao 2º ano era Física Geral que era constituída por três partes: Mecânica, Termodinâmica e Electromagnetismo⁽¹⁾. Nas primeiras aulas desta disciplina os professores informaram que iriam dar Mecânica no 1º semestre e Termodinâmica no 2º.

Quando do pagamento da segunda prestação de propinas, momento em que mudávamos para a nova reforma, foi com certa surpresa que alguns estudantes verificaram que se matriculavam a Física II em vez da Física I, apesar de estarem a dar Mecânica e não Termodinâmica. Fazendo alguns estudantes notar a secretaria na incongruência em que se estava a cair, esta respondia que nada sabia acerca disso, e que nos tínhamos é que matricular a Física II, porque assim é que vinha na nova reforma.

Entretanto só nesta altura (2ª prestação) é que mais de cem estudantes são avisados que segundo a nova reforma, pertencem ao 2º ano e não ao 1º e portanto passam a ter Física II. De notar que os estudantes do Técnico e Coimbra que se encontravam nestas circunstâncias foram logo avisados no início do ano que se encontravam no 2º ano.

A quando das inscrições para exame, os alunos que se iam inscrever em Física I (Mecânica) eram informados que não tinham que fazer exame dessa cadeira, e que se quisessem fazer tinham que pagar trezentos e tal escudos, pois era considerado como tentativa de melhoria de nota, devendo-se sim, inscrever em Física II que segundo a nova reforma corresponderia a Termodinâmica.

Levantaram-se então aos estudantes certas questões de que passaremos a transcrever as mais importantes:

- a) - se um aluno reprovar a Física II (Mecânica) para o ano repete Física II (Termodinâmica)?
- se um aluno reprovar a Física III (Termodinâmica) para o ano repete Física III (Electromagnetismo)?
- se um aluno reprovar a Física II (Mecânica) e Física III (Termodinâmica) para o ano repete Física II (Termodinâmica) e Física III (Electromagnetismo)?

- b) - Se um aluno fizesse Física II (Mecânica), e reprovasse a Física III (Termodinâmica)

ca), valeria no ano seguinte por Física II (Termodinâmica)?

c) - Electromagnetismo (cadeira muito importante principalmente para os estudantes de Electrotécnica) quando seria dada?

Devido a estes factos houve uma R.G.A.C. (reunião geral dos alunos da cadeira), que foi falar com o director da Faculdade a fim de que este esclarecesse os estudantes acerca destas questões. De novo na R.G.A.C. a comissão informou os colegas do que o director tinha dito: A decisão tomada de dar Física II (Mecânica) não cabia ao Conselho Escolar, visto não se encontrar nada nas actas das reuniões. Foi-se então falar com o prof. Gomes Ferreira, acerca do mesmo assunto, que respondeu nada saber do assunto. Perante isto, os estudantes decidiram boicotar o exame, exigindo a passagem de todos os alunos na cadeira de Física II, e que no início do 2º semestre haveria reuniões de professores e alunos para decidir qual a matéria a dar no 2º semestre.

Passados dois dias houve nova reunião de curso, com o fim dos estudantes se organizarem de modo a concretizar a decisão do boicote. Nesta reunião apareceram os professores da cadeira que disseram estar ultrapassada a decisão dos estudantes de boicotar o exame, devido à cadeira ter sido dada ilegalmente, porque oficialmente ninguém tinha decidido dar Mecânica em Física II.

No dia 3-III (já muito depois de a cadeira ter sido dada) uma nota do Conselho Escolar estabelecia o regime de transição. Os professores da cadeira enviaram uma carta ao C.E. expondo a ausência de base legal para fazer exame, à qual o C.E. respondeu com uma la-cónica nomeação dos professores para fazer o exame. Os alunos, tal como tinham decidido, boicotaram o exame (100% de abstenções).

3 - As Nossas Razões

Como se pode concluir, a situação centrava-se à volta de 4 pontos:

1º) - Os estudantes do 1º ano, que de repente se viram no 2º ano, com 15 a 20 e poucos dias de matéria das cadeiras do 2º ano e impedidos a fazer exame;

2º) - As embrulhadas burocráticas do C.E. e da secção levam a que os estudantes fiquem absolutamente em branco sobre a solução que se prevê para as anomalias e não sejam mais do que bolas de ping-pong no meio destas estruturas. A carta dos professores expondo a ausência de base legal para o exame, "responde" o C.E. com nomeações para o exame, passando por cima e ignorando estudantes e professores, e a expressão da sua vontade. Mas o problema não é mais (nunca tinha sido, na realidade) uma questão burocrática ou de legalidade; as anomalias persistem e não são estruturas alheias aos estudantes que vão ditar leis sobre os seus problemas.

3º) - Pelo regime de transição criava-se uma situação ridícula: os alunos que chumbassem uma cadeira sob regime de transição iria ser repetente doutra que não tinha tido, e não teria novamente aquela a que tinha chumbado. Outros arranjos e remendos levam igualmente a situações anómalas, como é fácil verificar.

4º) - O retirarem uma matéria (Electromagnetismo) que para alguns cursos era importantíssimo. Num. altura em que tanto se fala e tanto se propõe sobre a participação estudantil, eis aqui uma boa oportunidade para se averiguar o que os estudantes precisam que essa participação seja: 1º - antes da saída de nova reforma, os estudantes deveriam ter tido direito a serem ouvidos sobre o projecto concreto (2) e a votar paritariamente com os professores; serem só "ouvidos", veja-se o que se deu no Técnico... Se assim tivesse acontecido, os estudantes sendo os directamente atingidos pelos problemas da transição, teriam sabido solucionar o caso a tempo e horas da melhor forma possível.

2º - O mesmo direito referido deveria ser extensível às estruturas de direcção da Faculdade, para corrigir o que subsistisse errado. 3º - As questões que dizem fundamentalmente respeito aos estudantes, que os atingem mas é a eles, são resolvidos mas é por eles. A participação sim, mas salvaguardando a Autonomia Estudantil. Que nós não estamos amarrados a essas trifulhices burocráticas e hierárquicas de que os professores ainda não se libertaram; fazemos uma R.Geral, discute-se, aprova-se, executa-se.

4 - A Nossa Posição

Perante esta situação inconsequente e estas embrulhadas que não eram esclarecidas, os estudantes do 2º ano de engenharia decidiram pois numa Reunião Geral de Curso (2º ano) que não haveria pura e simplesmente o exame de

- Mecânica, e considerar